

A história do beduíno órfão que virou 'empreendedor do ano'



É melhor não perguntar a Mohed Altrad qual é a sua idade. Não que ele tenha vergonha de dizê-la, é que ele simplesmente não saberia responder com exatidão. Apesar de multimilionário, Altrad não tem ideia de quantos anos tem - por volta de 65, talvez? E ele nem se importa com isso.

A conversa com esse beduíno multimilionário aconteceu em um lugar curioso: um dos hotéis mais luxuosos desse ninho de luxo que é Monte Carlo.

No ano passado, Altrad ganhou o título de "*Empreendedor Francês do Ano*". E recentemente, foi a Monte Carlo para receber o título mundial, derrotando outros 51 candidatos no concurso anual realizado pela consultoria Ernst & Young.

Foi aí que me contou da sua trajetória vestindo roupas elegantes e falando um inglês fluente. Ele não dorme muito - mas pensa e escreve bastante sobre seu passado e seu presente.

Altrad nasceu no deserto sírio. Seu pai era líder de uma tribo beduína, e sua mãe era uma mulher pobre desprezada.

Seu pai a violentou duas vezes, e ela teve dois filhos: Mohed Altrad e um irmão mais velho, que morreu pelas mãos do próprio pai.

Sua mãe morreu no dia que ele nasceu, e Altrad passou parte da sua juventude em Raqqa, na Síria, atualmente um território dominado pelo grupo que se autodeclara "*Estado Islâmico*".

Ali, foi criado por sua avó na mais absoluta pobreza. Ela pensava que a criança se tornaria um pastor, então nunca pensou em mandá-lo para a escola.

Instinto de sobrevivência

O jovem, no entanto, via os outros estudarem e isso o intrigava. Ele espiou a aula por um buraco na parede e pôde ver a caligrafia na lousa, mas não conseguiu ler o que estava escrito.

Altrad persistiu e finalmente foi à escola. Era inteligente e sempre tirava boas notas - tão boas, que seus companheiros ficaram com inveja quando o humilde pastor se tornou o primeiro da classe.

Eles o levaram para um deserto onde cavaram uma cova e o enterraram lá, antes que saísse correndo.

Altrad, porém, conseguiu escapar - e ele nem sabe explicar como. "*Instinto de sobrevivência*", disse.

Foi aí que a sorte começou a mudar. Um casal sem filhos resolveu adotá-lo - ele pôde voltar à escola e seguiu tirando boas notas.

Tudo isso aconteceu em Raqqa, a cidade que agora é a capital do "*Estado Islâmico*", um fato que o entristece bastante.

Estudos e empresas

Há 60 anos, a situação da Síria também era complicada: o país era governado por uma ditadura militar influenciada pela França e pela União Soviética.

Altrad conseguiu uma vaga na Universidade de Kiev, mas logo lhe disseram que seu curso estava cheio. E em vez de viajar à União Soviética, ele foi estudar em uma das universidades mais antigas da Europa, a Universidade de Montpellier, na França.

Chegou tarde, em uma noite fria de novembro - e não falava uma só palavra em francês. Mas isso não foi o suficiente para breçar seus estudos.

Conseguiu fazer um doutorado em ciências informáticas, trabalhou para algumas das principais empresas francesas, obteve nacionalidade do país e começou a trabalhar para a Companhia Nacional de Petróleo de Abu Dhabi - e lá não tinha onde gastar todo o dinheiro que ganhava.

E assim ele se salvou. Tudo o que ele sonhava era em ter o controle do seu próprio destino.

De volta à França, ajudou a fundar uma empresa que fabricava computadores portáteis. Quando a vendeu, conseguiu mais dinheiro.

Depois, junto a um sócio, comprou um pequeno negócio de andaimes de construção. E se endividou: a empresa perdia muito dinheiro.

"Não é a última tecnologia, mas andaimes sempre vão fazer falta", pensou. E os pequenos empreiteiros que compravam seus andaimes de metal também precisavam de caminhões e betoneiras para misturar cimento. Assim, ele acrescentou outros serviços à empresa.

E incentivando os funcionários com bônus ligados ao seu desempenho, os dois sócios conseguiram reverter a tendência e começaram a lucrar com o negócio.

Altrad usou o dinheiro para crescer mais, comprando outras companhias.

Ele também se esforçava para tratar bem os empregados, pedindo para que respeitassem uma lista de princípios a partir do momento em que eram contratados.

Também começou a expandir os negócios para fora da França, mas sempre oferecendo produtos para construção e seguindo os mesmos princípios: além dos andaimes, oferecia todas as outras coisas que as construtoras precisavam.

Em 30 anos, a pequena indústria cresceu até chegar a incluir 170 empresas sob o comando de Altrad. Eram 17 mil empregados, US\$ 2 bilhões anuais em valor de negócio e US\$ 200 milhões de lucro.

E agora, ele acaba de dobrar o tamanho da empresa - chamada Altrad Group - comprando uma concorrente holandesa.

Felicidade

Mohed Altrad também é presidente e coproprietário da equipe de rúgbi de sua cidade "*adotiva*", Montpellier.

Mas apesar de seu sucesso e reconhecimento, ele segue sendo um líder bastante silencioso e muito querido pelos empregados.

"Você pode me perguntar por que estou fazendo isso", disse. *"Mas nunca foi por dinheiro. Estou tentando desenvolver um empreendimento humanista e fazer as pessoas que trabalham para mim felizes."*

"Porque se elas são felizes, elas são mais eficientes, melhores trabalhadores e terão uma vida melhor", explica.

Isso, ele diz, é o que as empresas deveriam ter como objetivo. *"Se sou feliz, trabalho melhor"*, insiste.

Altrad também acredita que o crescimento de uma empresa tem que ser financiado por seu próprio lucro. *"Se recorre ao mercado financeiro, volta a ser escravo dos bancos."*

E ainda que sua empresa tenha estado por trás da consolidação de uma indústria local antes fragmentada, ele tenta não se comportar de forma monolítica.

"Uma empresa é uma identidade, um pedaço de história: são seus produtos, seus clientes", disse. "A tendência geral de grandes grupos como o nosso é moldar (as companhias que compram) e fazê-las mais ou menos iguais à nossa. Mas isso vai contra nosso conceito", diz.

Princípios

Ou seja, as empresas que fazem parte do grupo Altrad mantêm seus nomes e sua identidade.

Todas compartilham, no entanto, o que Mohed Altrad chama de *"declaração de princípios"*, que os novos empregados devem endossar - ou melhorar.

"É um empreendimento humano", disse.

"Se alguém está interessado em uma mulher e sua primeira atitude é dizer a ela como deve se vestir, como deve ser a maquiagem, a reação imediata dela será: 'o que está fazendo?'. É exatamente o mesmo quando você compra outra empresa", exemplifica.

Altrad também usa suas noites de insônia para escrever livros, incluindo alguns de economia. Também escreveu uma novela autobiográfica, intitulada *Beduíno*, que foi selecionada pelo Ministério da Educação da França para ser leitura obrigatória nas escolas.

Sua história tem uma importância ainda maior na Europa, onde o tema da migração é cada vez mais importante.

"Podem dizer que tenho mais de 3 mil anos de vida. É a vida do deserto, que tem suas próprias regras e começou 3 mil anos atrás".

"Falar com você nesse lugar tão bonito e luxuoso ainda me parece estranho. Esse sentimento está no meu sangue, na minha vida cotidiana", afirmou.

Mohed Altrad sabe que alguma coisa pode acontecer a qualquer momento e por isso tem algum receio do futuro. Mas garante: *"O sentimento de liberdade também está aqui sempre"*.

Perguntei a ele se agora está feliz. *"Na realidade, não"*, contesta.

"Tenho uma dívida com a vida que nunca vou poder pagar: devolver a vida à minha mãe, que não teve vida. A dela foi tirada muito cedo, ela viveu 12, 13 anos. Violentaram minha mãe por duas vezes. Ela viu um de seus filhos morrer e morreu no dia que me deu a vida".